

5

197

18

POEMA
 HEROICO
 A FELICISSIMA JORNADA DELREY
 D. JOAÕ V.
 NOSSO SENHOR.

*Comendador das Comendas de Santa Maria de Arden, Santa
 Maria de Val de Rancos, São Pedro de de Lanhoso,
 e Comenda Príncipe de Orizaba de Christo, e Prior de
 Alentejo, e de S. Pedro.*

LISBOA OCCIDENTAL

Na Officina de MUSICA, e Oficina de Gravador, das
 Paroquias S. Domingos, e S. Francisco.

Anno de M. DCC. LXXV.

Conf.

Contado de Lisboa 1775

HERMANN HEROLD
HERMANN HEROLD
HERMANN HEROLD

HERMANN HEROLD
HERMANN HEROLD
HERMANN HEROLD

HERMANN HEROLD
HERMANN HEROLD
HERMANN HEROLD

HERMANN HEROLD
HERMANN HEROLD
HERMANN HEROLD

P O E M A

H E R O I C O

A FELICISSIMA JORNADA DELREY

D. JOAÕ V.

NOSSO SENHOR.

NAS PLAUSIVEIS ENTREGAS
das sempre Augustas, e Serenissimas Princezas
do Brazil, e Asturias.

C O M P O S T O

P O R

D. PEDRO JOZÉ

DE MELLO HOMEM.

*Commendador das Commendas de Santa Maria de Achete, Santa
Maria de Val de Romãos, São Pedro Val de Ladrões,
Cavalciro Professo da Ordem de Christo, e Vedor da
Rainha nossa Senhora.*



LISBOA OCCIDENTAL.

Na Officina da M U S I C A, debaixo da Protecção dos
Patriarcas S. Domingos, e S. Fradisco.

Anno de M. DCC. XXXV.

Com todas as licenças necessarias.



P O E M A

H E R O I C O

III
I.

CANTAR quizerá cō sonoro accēto
Do Monarca mayor, q̄ admira a idade,
As acçoēs, e o esplendor, o luzimento,
Com que quiz se adornasse a Magestade:
E minha voz se eleve ao Firmamento,
E eterna fique na posteridade,
Para que sempre reconheça o Mundo,
Que se he Quinto, não póde haver segundo.

II.

Héroe feliz, que para ser glorioso
 Não necessita uzar da Magestade,
 Porque o ser que lhe deo o generoso,
 Parece que o confirma Divindade:
 De tal sorte exereita o grandioso
 Que o seu poder he quazi immensidade:
 Deste Monarcha qual será a memoria,
 Se sobra a Magestade para gloria?

III.

No valor, no galan, e no entendido
 Excede ao mesmo Apollo, Adonis, Marte,
 E estima cada qual ficar vencido,
 Porque a gloria que alcança nesta parte,
 Lhe engrandece, e que tindaõ conseguido;
 Liberalmente a todos a reparte,
 E cõfessaõ lhe augmenta generoso
 O galan, e cõmendado, e o valeroso.

IV.

IV.

Só a vós, Oh Suptema Magestade,
 Invoca a minha Musa as influências,
 Porque fora faltaryos a lealdade
 De outro Numen querer intelligencias:
 Se inspirardes em mim tanta piedade,
 Livres serão meus versos de indecencias,
 E teraõ certamente neste effeito
 Elevaçõ, clareza, e mais respeito.

V.

Se a mim o vosso Numen me faltara,
 Ficara a minha voz em mudecida,
 Nem a vossa grandeza publicara
 Em reverentes pasmos suspendida;
 A louvalla taõ pouco se animara,
 Por não deixarhe a gloria escurecida;
 Mas pois já me inspiraes, cantar bem posso
 O seu poder, por ter o influxo vosso.

VI.

Nas celebradas prayas de Ulyflea,
 Adonde o Tejo feus cristaes dilata,
 Nadante felva de sublime idea,
 Que he toda ouro, e os remates prata:
 Donde se alegra a vista, e se recrea,
 Pois toda a perfeição em fy remata,
 No feu centro se vê Delphim volante,
 Que feliz ha de fer em fendo Atlante.

VII.

Do Regio Solio com Real agrado
 Sahe o Luzo Monarca despedido,
 De todos os Vaffalos venerado,
 E dos feus coraçõens obedecido:
 De dous Astros, que illustra acompanhado,
 Que tem o mefmo fangue esclarecido,
 O Tejo vay buscar, e em aureo affento
 Illustravo Sol, o Mundo, o Firmamento.

VIII.

Logo os bronzes, timbales, e tamböres
 Nos concavos rochedos retumbáraõ,
 E os coraçöens com vivas, e clamores.
 Este marcial estrondo acompanharaõ:
 Os pequenos, os grandes, e os mayores
 Unidos pelo amor iguais ficaraõ,
 Porque quando he o objecto a Magestade,
 Devem ter os effeitos igualdade.

IX.

Todos os Elementos publicavaõ
 Pela voz que lhes deo a natureza,
 O quanto obsequiosos respeitavaõ
 Aquelle Non plus ultra da grandeza;
 E para que se visse o veneravaõ,
 Lhe offerecem reverentes com presteza
 Flores a terra, o vento suavidades,
 O Fogo luz, o mar preciozidades.

XIV

Jupiter vendo da suprema esfera
 Todo o Cco, todo o Mundo illuminado
 Se admira, e depois que o considera
 Hum pouco se suspende no admirado:
 Esse Quinto Monarcha só fizera
 O que a Phebo lhe está determinado,
 Porque nelle he tão grande a preminencia,
 Que iguala sua essencia à nossa essencia.

XI.

Que mortal será este inadvertido,
 Que se atreva a louvar o Lusitano,
 Sem perceber que passa de atrevido
 Somente o intentallo sendo humano?
 Senão for de alto Numen influido
 Vibrarey rayos em seu próprio danno;
 Mas já suspendo o impulso à minha ira,
 Que nelle o Lusitano he quem inspira.

XII.

Não posso não tirarhe tanta gloria,
 Mas hey de acompanhallo nesta empreza,
 Sem presumir que possa ter victõria,
 E unidos louvaremos a grandeza;
 Que não cabe no espaço da memoria,
 Nem na fragil rafaõ da natureza:
 Para louvalla hum, e outro he dino,
 Elle por illustrado, eu por divino.

XIII.

E tu que conseguistes as piedades
 Desse influxo mais alto, e soberano,
 Permite-me que diga às Divindades
 As acçoens com que admira o Lusitano:
 Tu depois cantarás felicidades,
 Que só com as cantar fiques ufano,
 Eu cantarey o heroico da grandeza,
 E tu dos seus extremos a fineza.

XIV.

Bem sey, oh poderosa Divindade,
 Que o influxo que tenho recebido,
 Tem tão suprema singularidade,
 Que no mortal não cabe por subido:
 Deste Monarca a vossa immensidade
 He que pôde louvar o esclarecido,
 Porque para cantar do Lusitano
 Ha de ser o instrumento mais que humano

XV.

Deste globo celeste o Deos Tonante
 Todos os Deoses a concelho chama,
 E obedecendo ao Deos no proprio instante
 Os peitos igualmente lhes inflama;
 Com voz sonora, placido semblante
 Lhes diz: vede o poder, que illustra a fama,
 Que em todo o tẽpo, e redondez do Mũdo
 Impossivel ferá vetse segundo.

XVI.

Sabey oh pöderosas Divindades ,
 Que o magnifico Rey dos Lusitanos
 Encerra em sy taõ altas dignidades ,
 Que haõ de servir de inveja aos Soberanos;
 Ha de ter muitas mais felicidades
 Contando Imperios pelos proprios annos ,
 E nos outros que enchemos o emispherio
 Gloria fera' servir ao seu Imperio.

XVII.

Deste Monarca he tal sua interreza ,
 Que ainda naõ teve , nem tera' igualdade,
 Nem taõ pouco se vio mayor grandeza
 Desde a primeira idade a esta idade ;
 Naõ faça o que vos digo hoje estranheza ;
 porque se visse tanta Magestade
 Cesar , Pompeyo , Alexandre , Augusto ,
 Lhe teriaõ respeito , inveja , e fusto.

XVIII.

Para ter attributos de Divino
 Como amim, e a vós todos confirmaraõ,
 Lhe não falta a ração, lhe sobra o dino,
 E pois sendo mortais nos adoraraõ
 Por Deoses; este Rey he taõ condino,
 Que merece o que a nós nos dedicaraõ,
 E pois reconheceis esta verdade
 Justo he, lhe confessemos a igualdade.

XIX.

Eu, e vós alcançamos esta gloria
 Pelas grandes acções, que conseguimos,
 E por dar que admirar à mesma Historia
 Com os nobres acertos que adquirimos;
 E pois este Monarca dá à memoria
 Essas fadigas, que geraes ouvimos,
 Que muito lhe tributem rendimentos
 Se nos igualaõ seus merecimentos?

XX.

He magnifico, he Sabio, he pio, he justo
 He unico, he feliz, he poderoso,
 He mayor, q̄ Pompeyo, e do que Augusto,
 He mais do que Alexandre generoso,
 He valeroso sem temor, nem susto,
 He Galan, he discreto, he grandioso:
 E pois nelle se admira tudo unido,
 Julgay o que sera reproduzido?

XXI.

Sabey que este Monarcha generoso
 O leva o seu amor, e o seu cuidado
 A buscar hum thesouro tao precioso,
 Que ha de ser dos Monarchas invejado.
 Outro ha de deixar tao prodigioso,
 Que nao cabe na esfera do admirado;
 Impossivel sera ver decidido
 Qual he do seu amor o preferido.

XXII.

Vede como se ostenta Magestose
 No dourado Delphim que rompe os ares,
 Illustrando os cristais com o glorioso,
 E ao seu preceito obedecendo os mares:
 Vede como dispende generoso
 Premios ao Mundo, offrendas aos Altares,
 Não vos admire não esta grandeza,
 Que nelle o generoso he natureza.

XXIII.

Esse braço, que o Tejo foy formando
 A sua undozza, e rapida corrente,
 Vay o luzo Monarcha illuminando:
 No porto desembarca promptamente
 A donde está immovel esperando
 A que ha de ser esfera brevemente,
 E occupada de tanta Magestade
 O seu preceito a faz velocidade.

XXIV.

Esse Alcaſſar, que vedes elevado
 De quem modelo foy a fermozura,
 Sabey que mais depreſſa foy formado
 Do que póde ideallo a Architectura:
 Taõ magnificamente eſtá adornado,
 Que a idea mais futil alli ſeapura,
 Deo a arte às pinturas tal viveza,
 Que deixou invejoza a natureza.

XXV.

Já o chega a occupar o Soberano,
 E plenamente cheyõ da grandeza
 O deixa taõ ſoberbo, e taõ ufano,
 Que pertende mudar de natureza:
 Não ſe contenta não do ſer humano,
 A mais alto ſe eleva a ſua empreza,
 Como vê que o anima a Mageſtade,
 Intenta transformar ſe Divindade

XXVI.

Essa girante esfêra cristalina,
 De oito soberbos brutos transportada,
 Que a tanta Magestade fora indina:
 Se deixasse de ser della illustrada:
 Promptamente a occupa, e determina
 Ver aquella Cidade celebrada,
 Na qual o Sempavor com liberdade,
 Transformou os deliçtos em lealdade.

XXVII.

Fieis, e reverentes o esperavaõ,
 O Povo, o Magistrado, e a Nobreza,
 E todos no alvoroço publicavaõ
 Do seu amor o extremo, e a fineza;
 Com a Fé, com os vivas o acclamavaõ,
 Demonstraçoens devidas à grandeza,
 Formando para culto, e para exemplo
 De cada coração hum vivo Templo:

XXVIII.

Breves dias esteve na Cidade,
 Que conseguiu feliz aquella gloria
 De ter a primazia na lealdade,
 E eternizar o acerto na memoria;
 Do seu agrado foy felicidade,
 Que lhe augmentou a fama, e a vaã gloria
 Da voz do seu Monarcha foy louvada,
 Só por deixarlhe a gloria sublimada.

XXIX.

Essa Villa, que deo aos Lusitanos
 O desejado bem da liberdade
 Patria feliz de tantos soberanos
 Dos quais origem foy a Magestade;
 Já não pôde temer aquelles dannos,
 Que lhe tinha causado a Saudade,
 Porque a justa tristeza, que sentia,
 Converte o seu Monarcha em alegria.

XXX.

Nessa Villa aprazível esperava
 A Magestade Augusta, e a Princeza,
 A quem o seu amor firme adorava
 Por conta da rafaõ, e da fineza:
 A' mcsmã Magestadc acompanhava
 Esse Imperio invencivel da belleza,
 Adõnde todo o amor he ouzadia,
 Senãõ passa o extremo a idõlatria.

XXXI.

Com toda a prõmptidaõ se foraõ logo
 Para aquella Cidade ennobrecida,
 Que sempre conleguio o desafogo
 De naõ ter o temor de ser vencida:
 Os Vereadores com deccente rogo
 Lhe pedem, que a sua Fé seja attendida,
 Porque attributo he da Magestade
 Premiar o amor, que nasce da lcaldade.

XXXII.

Todas as Ruas taõ pomposamente
 De arcos triunfais estavaõ adornadas,
 As paredes se viaõ nobrementemente
 De telas, e borbados matizadas,
 Tanto resplandeciaõ, que igualmente
 As attenções deixavaõ admiradas,
 Nas janelas se via a luz mais pura
 Por ser o seu adorno a fermozura

XXXIII.

Equinocial o Caya dividia
 Daquellè immovel Ceo a fermosura
 No qual as Magestades num só dia
 Haõ de ter igualdades na ventura:
 Tudo ha de ser prazer, tudo alegria,
 Sem que os effeitõs faltem da ternura,
 Que ainda que no adquirido ha igualdade
 Naõ se livra o amor da saudade.

XXXIV.

XXXIV.

Chegaõ as Magestades promptamente
 A dar fim ao que tinhaõ ajustado,
 Abrem-se as portas, entraõ igualmente
 Maxima certa das razões de estado:
 Os corações se animaõ de repente
 A dar alivio prompto ao seu cuidado,
 Fazendo os seus extremos, e finezas,
 Huma só unidade nas grandezas.

XXXV.

Foy tanta nos Monarchias a alegria,
 Que depunhaõ parece a Magestade,
 A mesma confusão fez-se harmonia:
 Com razão, por amor, e por vontade,
 Tanto foy o alvoroço neste dia,
 Que de todos formou huma entidade,
 E supposto que estavaõ divididos,
 O amor, e alvoroço os deixa unidos.

XXXVI.

Depois de hum largo espaço, em q̃ estiverão
 Nos mesmos alvoroços divertidos
 Promptamente uniformes attenderão
 Afirmar os tratados decididos;
 E depois de os firmar reconhecerão
 Que este acerto os deixava mais unidos,
 Huns, e outros Vasallos reverentes
 Demonstrações fizeraõ de obedientes.

XXXVII.

Os corações se virão opprimidos
 Dos tiranos effeitos da laudade;
 A' rafaõ, às potencias, e aos sentidos
 O mesmo amor servia de crueldade:
 Este tormento os tinha suspendidos,
 E juntamente preza a liberdade,
 E os corações amantes não sofrião
 Privar-se das prizões, em que se viaõ.

XXXVIII.

Essa Pallas discreta, e entendida
 Em que se illustra a mesma Magestade
 Rompe as prizoões que a tinham suspendida
 Desprezando os rigores da fardade:
 Alegre juntamente, e affligida
 Com levar a Princeza, persuade
 Sigaõ o seu exemplo os Soberanos
 Que esta dor fõ modera os defenganos.

XXXIX.

Parecia a campanha neste dia
 De Amelthea Pẽsil Jardim de Flora,
 A neve com a luz resplandecia
 Toda flor na fragancia se melhora:
 Hum Ceo cada carroa parecia
 Pelos grandes flogores que entezoura;
 Que muito as julgem Ceo, estando nellas
 O Sol, a Aurora, os Astros, e as Estrellas.

XLIX

Com tanto influxo os campos floresciaõ,
 As plantas de diamantes se adornavaõ,
 Os cristais com a luz resplandeciaõ,
 As aves melodias alternavaõ,
 Os montes os seus eccos repetiaõ,
 Os valles de boninas se esmaltavaõ;
 Tudo eraõ luzes, tudo suavidades
 Tributo só devido às Magestades.

XLI.

Entraõ na Praça, e logo promptamente
 Vaõ adorar aquella Magestade,
 Que anima o insensivel; e o vivente,
 E lhe pedem com actos de humildade
 Lhes queira conservar piadosamente
 A decete prisaõ da liberdade;
 E a sacra Ceremonia recebida,
 Rendem as graças ao Author da vida.

XLII.

Alguns dias alli os detiveraõ
 Ou as rasoões do gosto, ou as do estado
 E nesse mesmo tempo dispuseraõ
 Diversoës em que tinhaõ dezenfado:
 Os Monarchas se viraõ, em que deraõ
 A faudade alivio, e ao cuidado,
 Acompanhando ao gosto, e a alegria
 Ostentações, Grandezas, e harmonia.

XLIII.

Passava o tempo, e foraõ obrigados
 A deixar o que os tinha divertidos,
 Os corações se viaõ magoados,
 E os olhos igualmente enternecidos:
 julgavaõ se de tãdo separados,
 Suposto que o affecto os tinha unidos,
 Que imaginarse hum coraçãõ auzente
 Faz q' cresça o pezar, que a dor se augmente.

XLIV

Nesta separação se percebia
 Que cada coração era huma fragoã,
 Que o amor com suspiros ascendia
 Augmentado huma magoa a outra magoa:
 Com a precisa auzencia se sentia
 Fogo nos corações, nos olhos agoa;
 Oh tirano poder da fauidade
 Que até chega a humanar a Magestade!

XLV

A quella Villa chegaõ brevemente,
 A qual conserva o nome de Viçozã,
 E ha de ser venerada eternamente,
 Por feliz, singular, e por gloriosa,
 Estavaõ as ruas decorosamente
 Adornadas da pompa mais custoza,
 Pois se viaõ nos arcos, e janelas
 Grandezas, Divindades, Soes, e Estrellas.

XLVI.

Essa Deosa, que os bosques predomina,
 E transformou o racional em fera
 Só para executar o que imagina
 Com divina attenção o considera;
 E logo que o resolve determina
 Descer aos bosques, e deixar a esfera
 Para com as irracionalidades
 Dar diversaõ gostosa as Magestades.

XLVII.

Veyo o tempo, que estava destinado
 Para que se fizesse a montaria,
 O Monteiro mayor vay com cuidado
 Pôr tudo prompto que lhe competia:
 Ve-se que as Magestades tem chegado
 Porque o Sol muito mais resplandecia,
 Rompen os ares, os trovões, e os rayos,
 Humas feras tem fulto, outras delmayos.

XLVIII.

Ardia o bosque em fogo artificioso, e o
 E o mesmo ardor aos vales abraçava,
 O Javali ficava mais furioso, e o
 E o tímido veado desmayava: e o
 Impulso Soberano, e Magestoso
 Este veloz incendio ministrava,
 E aos que no bosque deixa fulminados,
 Ficaõ desvanecidos, e invejados.

XLIX.

Auzentaõ-se de todo as Magestades,
 Fica pallido o bosque, e macilento,
 E até sente o insensível saudades:
 E a taõ grande, e taõ nobre sentimento
 Depoem as mesmas as crueldades,
 Esse Farol, que illustra o Firmamento
 Por lhe faltar o influxo soberano
 Se sepulta nas ondas do Oceano.

.III.L.IX

Cinco dias esteve divertido: plod o aima
 Nesse nobre exercicio generoso, intem o di
 Sem que pudesse terlhe suspendido: va
 O magnanimo, o justo, o piedoso
 Com piedade acodindo ao affligido,
 Como Rey perdoando grandioso,
 Dando com justa magnanimidade
 Exercicio a grandeza, e a piedade:

.XLIX

Essa Cidade antiga, se celebrada
 Que Sertorio adornou de branca neve,
 E com soberba maquina, se elevada
 A fama lhe illustrou que sempre teve,
 Com raso ordenou fosse croada,
 E justamente a coroa se lhe deve
 Por conseguir a singularidade
 De lha ter confirmada a Magestade:

LII.

De arcos triumphaes as ruas se adornavaõ.
 As paredes de adornos superiores,
 Com o bello as janelas illustravaõ.
 Da Aurora a luz, do Sol os resplandores:
 Como animados Soes as occupavaõ,
 Augmentavaõ nos Astros os fulgores,
 E supposto ficassem eclipfados,
 Resplandeciaõ mais por illustrados.

LIII.

Nessa antiga, fiel, nobre Cidade
 Entra o grande Monarcha Lusitano,
 E logo adora aquella Magestade
 Que unio-o o ser Divino ao ser humano:
 Dá privilegios à Universidade,
 E as mercês que só pode hum Soberano,
 Aos que a mudez he regra, e não deffeito,
 Faz que o seu Templo fique mais perfeito.

LIV.

Liberal, generoso, e compassivo
 A todas as clauzuras favorece,
 A piedade lhe serve de incentivo,
 Sem queja a magnificência se interesse;
 Para ser liberal tem o motivo
 Na piedade, que nelle sempre cresce,
 Rey singular, que só com o piedoso
 Augmenta cada instante o generoso!

LV.

Todos os que não tinhaõ liberdade,
 Logo manda se soltem promptamente,
 E que se faça alli toda a equidade
 A qualquer miseravel delinquente:
 Com generosa liberalidade
 Aos pobres favorece piamente
 Deixando aos vexados, e opprimidos,
 Huns satisfeitos, outros redemidos.

LVI.

Taõ grande tem a magnanimidade
 Este nõsso Monarcha sem segundo,
 Que o seu poder he quasi inmensidade
 O Ceo o mostra, e mais o admira o Mundo,
 Eu reconheço he quasi Divindade,
 Na minha adoraçãõ he que me fundo,
 E em ver que quãdo intenta os impossiveis
 Faz se tranformem todos em possiveis.

LVII.

Intenta dar alivio à saudade,
 Que leal Ulysses padecia,
 Porque fora augmentarhe a crueldade,
 O não ter compaixãõ do que sentia:
 Sem luzes fica á outra fiel Cidade,
 Porque a auzencia do Sol he acaba o dia,
 E triste na saudade contemplando
 Sente o bem que perdẽo, e fica amandõ.

LVIII.

Já toda essa campanha resplandece
 Com os rayos de Phebo, que a illumina,
 E consegue felice o interesse
 Deste mesmo esplendor a fazer dina:
 Não vos admire não ver que florece,
 E que pareça o campo huma bonina,
 Que o Lusitano Sol lhe dá os fulgores,
 E o florcente as animadas flores.

LIX.

Essa campanha undoza, e cristalina,
 Na qual Neptuno tem o seu Imperio;
 Se verá brevemente mais que dina
 Por exceder em luz ao emisferio:
 Jupiter com os Deoses determina
 Deseer ao Tejo desse globo ethereo
 Para mostrarem ser esta assistencia
 Não só veneração, mas obediencia.

LX.

Neptuno seu dominio preparava
 Com reverente affecto, e com decencia,
 E a todos seus Vassallos ordenava,
 Que viessem com prompta diligencia:
 A todos com a voz lhes declarava
 Quanto lhe era preciza esta assistencia,
 Para que visse no famoso Tejo
 Esse luzo Monarcha o seu dezejo.

LXI.

Ordena a todos que vão preparando
 O obsequio mayor para este dia,
 E às Ninfas, e Sereas declarando
 Que lhes toca os acertos da armonia:
 A Thetis manda as vá acompanhando
 Para divinizar-se a melodia,
 Conhecendo que a voz desta Deidade
 He só decente obsequio à Magestade.

LXII.

Eôlo que os ventos todos predomina
 Nas cavernas do monte os vay fechando,
 E fomento Favonio lhê destina
 Vã os cristais do Tejo suavizando:
 Em reverente obsequio determina
 Mostrar o seû dezejo publicando,
 Que este applauso se faça taõ perfeito,
 Que passe a adoração o que he respeito.

LXIII.

Clarins, bronzes, timbales, e tambores
 Com grande empenho Marte preparava,
 E essas vozes, que animãõ os furores
 Somente para applauso as destinava:
 Esse Deos que he motivo dos rigores
 As setas rompe, e já depoem a aljava,
 Porque intenta ficar reconhecido
 Neste obsequio por Deos, não por Cupido.

LXIV.

LXIV.

Se aljava, venda, e detas conservara, liqui
 Não lhe feria o obsequio permittido,
 E totalmente se lhe desprezara
 Por lhe faltar o mais nobre sentido:
 O mesmo acerto se desanimara
 Conservando instrumentos de Cupido,
 Porque só sem engano a Divindade
 Deve aplaudir do Lusó a Magestade.

LXVI.

Essa Deosa, que he Mãe do Deos vendado,
 Nascida das espumas do Oceano,
 Vem os ares rompendo com agrado
 Para applaudir ao grande Lusitano:
 O aureo pomo, que lhe foy julgado,
 O traz consigo, porque se o Troyano
 Segunda vez votasse, julgaria,
 Que samente a victoria se daria.

LXVI.

Jupiter vendo os Deoses vão chegando;
 Forma no Tejo hum Trono cristalino,
 E os assentos lhes diz vão occupando;
 Para sy reservando o mais condino:
 Depois de o occupar, se está gloriando:
 De ver que o mesmo Trono ficou dino
 Para poderem ver as Divindades
 Do Lusitano as singularidades.

LXVII.

Depois que os Deoses tódos occuparaõ
 Os nevados assentos prevenidos,
 A Jupiter que sempre veneraraõ
 Perguntaõ a rafaõ de os ter unidos:
 Os meus preceitos, diz, vos convocaraõ
 Para ouvires acertos nunca ouvidos,
 E para se admirar a vossa idea
 Das glorias, e fortunas de Ulyssa.

LXVIII.

Vede nessa campanha cristalina
 Quantas plantas por ella vem furcando;
 E vede como a todas illumina
 O metal que o dezejo vay buscando:
 Cada Gondola forma huma bonina
 Quando os cristais do Tejo vão girando;
 Nas flamulas, bandeiras, galhardetes
 As julga toda a vista ramilhetes.

LXIX.

Vedes no centro do Penfil volante
 Hum Trono de cristal, que o ouro esmalta,
 E consegue igualar-se no brilhante
 A quella pedra donde a luz se exalta:
 Esse pois ha de ser feliz Atlante
 Do Lusitano Rey; e se lhe falta
 A gloria de alcançar estes favores,
 Tudo o que nelle he luz, feraõ horrores.

LXX.

Sabey que brevemente num só dia
 Ficareis do que vires admirados,
 Os dous orbes com luz, e alegria,
 E os corações no amor mais inflamados,
 Formando dos clamores harmonia,
 E todos dessa luz purificados,
 Que adonde influe o Rey q̄ he sem segundo,
 Se illustraõ corações, os Ceos, e o Mundo.

LXXI.

Vedes este lugar, que conseguido
 Tem o nome daquella impia Cidade,
 Da qual foy cegamente despedido
 O que he Trino, e tem só huma Entidade?
 Pois vereis nestas prayas suspendido
 Em hombros de cristal com gravidade
 Hum transito de tanta fermosura,
 Que faz excessõ a toda a Architectura.

LXXII.

Ulyſſea dezeja que a fãudade
 Juntamente ſe acabe, e a eſperança,
 E poſſa conſeguir com brevidade,
 A gloria que na poſſe ſó ſe alcança:
 Quem ſente de huma auzencia a crueldade,
 Se lhe augmenta o tormento na lembrança,
 E não baſta que tenha o bem prezente
 Para eſquecerlhe o que perdeu auzente.

LXXIII.

Arde o ſeu coração em nobre chama
 Ficando quaſi a cinzas reduzido,
 E eſte fiel incendio, em que ſe inflama
 Quanto o alenta, o deixa amortecido;
 Grande tormento he para quem ama
 A memoria de ter o bem perdido,
 Porque faz transformar nas ſaudades
 A gloria da lembrança em crueldades.

LXXIV.

Ouve o grande Monarcha Lusitano
 De Ulyssæa os justissimos clamores,
 E para suavizarlhe tanto dano
 O Tejo illustra com seus resplandores:
 Oh feliz Ulyssæa que o tirano
 Tormento que sentias, e rigores,
 Te desferrou aquella Magestade
 Da qual hum só favor, jempre he piedade!

LXXV.

Não vedes que no Tejo se diviza
 Hum luzido reflexo, e Soberano,
 Que parece os cristais lhe diviniza,
 E lha dá presumpções de ser Oceano?
 Pois advirti que este esplendor aviza
 De que chega o Monarcha Lusitano,
 Que só o seu influxo he que podia
 Dar tanta luz ao Tejo, e ouzadia.

LXXVI.

LXXVI.

Nessas esféras de ouro as Magestades
 Chegaõ às prayas do felice Tejo
 A todos suavifandolhe as saudades,
 E enchendo de esperanças o desejo:
 Os Monarchas, Altezas, Divindades
 Com magestade, gala, e com cortejo
 Entraõ no Throno aureo, que se apura
 No crisol da grandeza, e fermozura.

LXXVII.

Os Argonautas logo com cuidado
 O velame desprendem promptamente,
 E o impulso dos braços continuado
 Rompendo vay a humida corrente:
 Favonio, que se tinha preparado
 Para lhe suavizar todo o ambiente,
 A Eolo se demonstra agradecido
 Pelo ter aos mais ventos preferido.

LXXVIII.

Thetis, e as Nimphas todas vão formando
 Hum concerto de vozes, e instrumentos
 Taõ singular, que estã suavizando
 Os Ceos, a terra, o fogo, o mar, e os ventos;
 Estaõ os Deoses todos admirando
 Desta composiçaõ os fundamentos,
 E em ver que Thetis forma com empenho
 Da sua voz o applauso, e o desempenho.

LXXIX.

Neptuno como tinha decretado
 Este obsequio, se mostra agradecido,
 E juntamente a Thetis obrigado
 Por ter o desempenho conseguido:
 Vendo a Deosa gentil tinha agradado,
 Vay o seu suave canto proseguindo,
 E lá no Averno Euridice julgava
 Que a buscalla outra vez Orpheo baixava:

LXXX.

Todos os instrumentos bellicosos
 Formaõ outra harmonia diferente,
 E effes mesmos clamores generosos
 Chegavaõ desde o Oriente ao Occidente;
 Com este aplauso ficão mais gloriosos
 Do que se triunfassẽ eternamente,
 Einda que alcancem huma, e outra victoria
 Não podem conseguír taõ alta gloria.

LXXXI.

Ficando a Deosa Venus admirada
 Da singular belleza de Victõria;
 A maçaá de ouro, que lhe foy julgada
 Para augmento da fama, e da vaã gloria,
 Não só de escrupulosa, de obrigada
 Lha restitue, para na memoria
 Ficar eterno que a sua inteireza
 Só por bella-lha dá, não por Princeza.

LXXXII.

LXXXII.

De artificiosas plantas matizado
 Estava o Tejo, e a todos parecia
 Que o seu cristal se tinha transformado
 Em hum Pensil que sempre florescia:
 No seu centro se via illuminado
 Hum Regio Throno excelso, que excedia
 Em riquezas, grandeza, e luzimento
 A's Estrellas, ao Sol, e ao Firmamento.

LXXXIII.

Nesse dourado Throno as Magestades
 A's prayas de Ulyssca vão chegando
 Para aliviarlhe as justas saudades,
 Em as quais sempre esteve suspirando;
 Como o seu exercicio são piedades
 Continuamente foraõ adorando
 A'quella, que foy Mãy immaculada;
 E no primeiro instante preservada.

LXXXIV.

LXXXIV.

E feita a adoração, que era devida,
Toda a marinha vay illuminando
Com alegria o povo repetida
Mostra que finalmente as está amando;
Nos corações a Fé ennobrecida
Os faz ficar nos peitos palpitando,
Que no amor, que he constante, fino, e justo
Os mesmos alvoroços causão susto.

LXXXV.

Vede desembarcar as Magestades
Naquella Architectura prodigiosa,
A qual consegue as singularidades
De ser perfeita, e mais de ser ditosa;
Influxos são das mesmas Divindades,
E se vê que esta dita he misteriosa
Pois rara vez à fragil fermozura
Se lhe unio o perfeito, e a ventura.

LXXXVI.

LXXXVI.

Vede todas as prayas occupadas
 De artificiosas machinas lufidas,
 Que parece que todas são tocadas
 Pelo infelice, e ambicioso Midas;
 Pois vereis deffas mesmas separadas
 Outras, que com rafaõ são preferidas
 Por servirem de eféra às Divindades,
 E a fingular de Throno às Mageftades.

LXXXVII.

Vede como Ulyffea eftá contente
 E à belleza fe vê reftituída,
 Porque ha de ter a gloria brevemente,
 Que eftava nas diftancias efcondida;
 Tuço fe alegrará de a ter prezente,
 E a que foy de Narcifo já offendida,
 Se eftiver nella gloria contemplando,
 Se lhe hiraõ os tormentos fuavifando.

LXXXVIII.

Com magnificos arcos, e elevados
 Todas as ruas se ornaõ nobremente,
 As paredes com telas, e borcãdos;
 E o povo com affecto reverente:
 Seus corações na Fé purificãdos
 Por cultõ lhos offercẽm promptamente,
 E naõ ter sentẽ de immortais iudicios
 Para eternos fazer os sacrificios.

LXXXIX.

Entraõ na Santa Igreja, e revẽrentes
 Vaõ a adorar aquella immensidade,
 Que se occulta debaixo de accidentẽs,
 E com Fé, com zelo, e humildade
 Fazem as ceremonias competentes
 Devidas só a eterna Magestade,
 E o seu Throno os Monarchas occupando
 Lhe vaõ todas as sombras desterrando.

XC.

Vendo Neptuno que se lhe auzentava
 A fortuna , que tinha conseguido ,
 E que inda o seu dominio conservava
 O transito que o tinha ennobrecido ,
 Ordena lho conduzaõ donde estava ,
 E promptamente o Deos obedecido
 Pellas Nimphas do Tejo foy levado
 E em Throno cristalino collocado.

XCI.

O Sol , o fogo , a terra , o mar , e o vento
 Parece que o seu ser desconheciaõ ,
 Por lhe faltar o grande luzimento ,
 Que do Monarcha Luzo recebiaõ :
 Viose que era excessivo o sentimento ,
 Porque do Sol os rayos não lusiaõ ;
 Tremia a terra , o fogo agonizava ,
 O mar gemia , o vento suspirava .

HEROICO.

47

XCII.

Jupiter vendo quasi perturbados
 Os Elementos, e que o Sol se auzenta
 Por deixarem de ser illuminados
 Desse esplendor, que a toda a luz augmenta;
 Porque ficassem todos illustrados
 Ao Rey dos Lusitanos representa
 Se digne sua magnifica clemencia
 De querer concederlhes a influencia.

XCIII.

Reconhecendo estava conseguido
 O que tinha o seu rogo supplicado,
 Ao Firmamento sobe agradecido;
 E igualmente vaidoso, e obrigado;
 Já se vê outra vez o Sol luzido,
 E tudo geralmente está illustrado,
 E Jupiter da esfera cristalina
 Deste Monarcha as glorias vaticina.

XCIV.

Lusitanos; o Rey que vos impera,
 Ha de ser com ração obedecido
 Daquelle quinto Imperio que se espera;
 E está nas Profecias prometido:
 Quem o seu zelo vê, e o considera,
 Bem reconhece que lhe era devido
 Pella magnificencia da piedade,
 E o duydallo fora iniquidade.

XCV.

Vosso primeiro Rey sendo aclamado
 Antes da marcial gloria conseguida
 Chegou a ver estando inda animado
 Visivelmente ao mesmo Author da vida;
 Por elle lhe foy dito, e declarado
 Que para o seu Imperio era escolhida
 A sua descendencia; e assim parece
 Que este Monarcha he só quem o merece.

XCVI.

Vereis, oh Lusitanos, brevemente
 O nascer de huma Aurora outra Aurora,
 E vereis com enveja o Oriente
 Da luz que o Occidente em sy enthezoura:
 Annuncios saõ de que muy promptamente
 Ha de nascer o Sol, pois não se ignora
 Quando no Ceo a Aurora tem nacido,
 Desterra as sombras, nasce o Sol luzido.

XCVII.

E tu mortal que tinhas a influencia
 Do teu Rey; me desculpa reverente,
 De que se atreva só minha eloquencia
 A louvallõ não sendo competente;
 Dize que até de hum Deos a intelligencia
 Muy baixa esfera he sendo eminente,
 E que a grandeza que tem adquirido
 Me deixa de admirado emmudecido.

XCVIII.

XCVIII.

Sois Senhor taõ magnifico, e grandioso,
 Que o querer cõprehendello he impossivel.
 E a gloria que alcançais com ser piedoso
 Só cabe nas esféras do indivivel:
 Sois sem igual, e sois taõ poderoso,
 Que fazeis o impossivel ser possivel,
 E no premiar naõ tendes semelhança,
 Porque as merces excedem à esperança.

XCIX.

Tres merces me fez Vossa Magestade:
 Nacidas da piedade, e da clemencia,
 Servindo as duas à posteridade,
 E a outra de remedio à consciencia;
 Os meus serviços naõ, vossa piedade
 Foy o motivo da beneficencia,
 Sendo a merce taõ grande, e de tal forte,
 Que anima a vida, e passa além da morte.

E R O I C O .

SI

C.

Agradecer não póde o meu talento
 A grandissima magnanimidade,
 Comque déstes socorro ao desalento,
 Effeitos de huma Regia, alta piedade,
 E para darvos o agradecimento
 Há de ser com a Fé, e co a lealdade
 Dezejando este affecto que vos ama,
 Se iguale a vossa vida à vossa Fama.

F I M.

Index

Agredor no pde o mau trator
 A grandeza magnanimidade
 Comque deites fozero no delator
 Effetos de huma Regia, e as piedades
 E para daros o agradecimento mais
 Ha de ser com a Fe, e co a lealdade
 Deixando este affeto que vos amara
 Se guis a vossa vida e vossa honra

XXX

F I M

Tremendo
 Nadas
 Servido
 A
 O
 No
 No
 No
 No